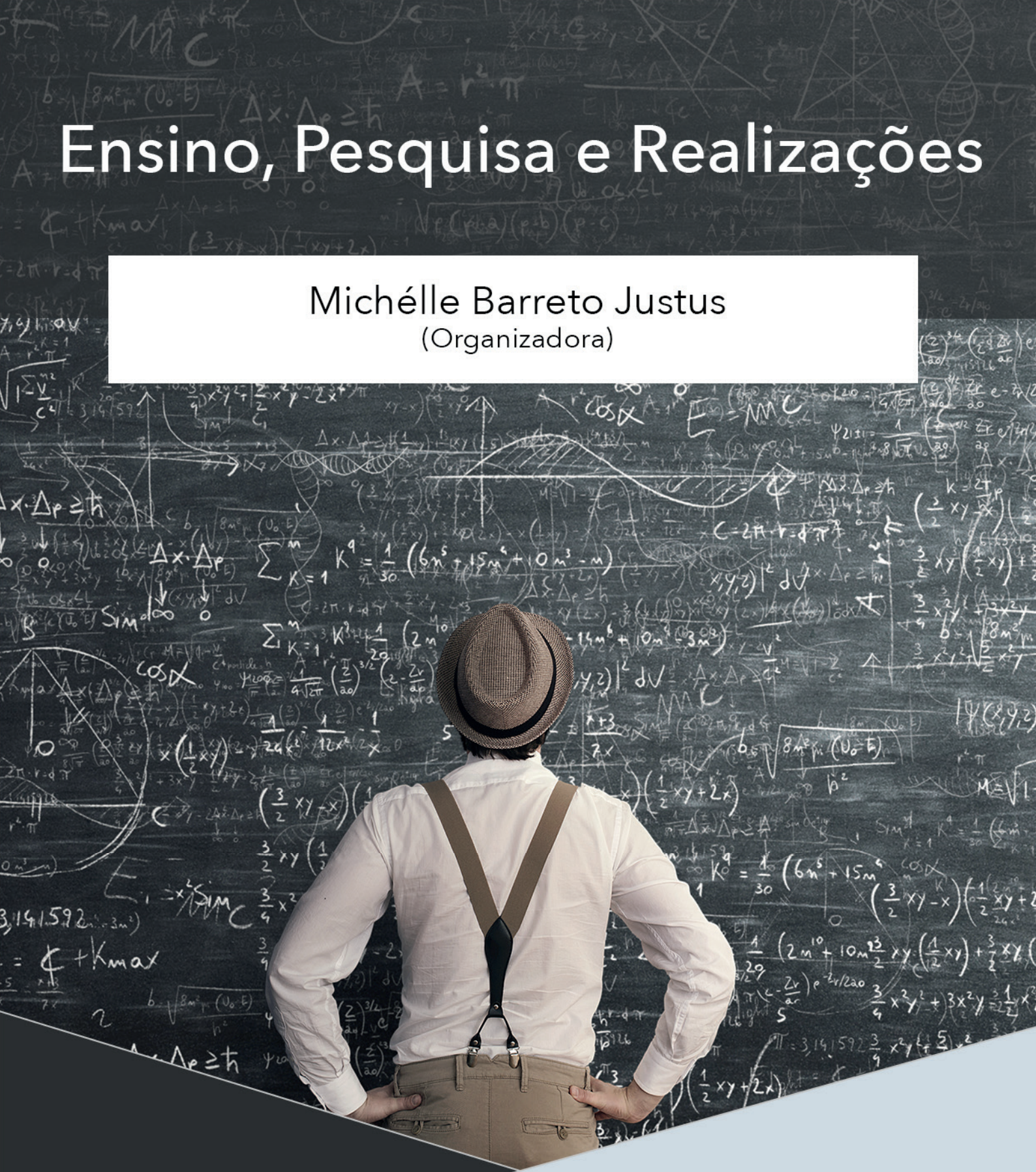


Ensino, Pesquisa e Realizações

Michéle Barreto Justus
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Michéle Barreto Justus
(Organizadora)

Ensino, Pesquisa e Realizações

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E	Ensino, pesquisa e realizações [recurso eletrônico] / Organizadora Michéle Barreto Justus. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-006-3 DOI 10.22533/at.ed.063181212 1. Ciência – Brasil. 2. Pesquisa – Metodologia. I. Justus, Michéle Barreto. CDD 001.42
---	---

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os estudos e pesquisas advindas do Ensino Superior podem contribuir sobremaneira para a melhoria das condições de vida da sociedade em geral, reafirmando o papel fundamental do conhecimento científico como ferramenta para a superação de vários problemas sociais vivenciados em nosso país.

Nesse sentido, o material intitulado “Ensino, pesquisa e realizações” ganha importância por constituir-se numa coletânea de estudos, experimentos e vivências de seus autores, tendo por objetivo reunir e socializar os estudos desenvolvidos em grandes universidades brasileiras.

A obra está organizada em 2 eixos: estudos teórico-metodológicos acerca de temas pedagógicos e pesquisas sobre processos biológicos e tecnológicos, reunidos em 27 artigos científicos.

Os artigos apresentam pesquisas direcionadas ao ambiente educacional, às práticas e metodologias de ensino, ao estudo da história e às possibilidades de soluções práticas de questões cotidianas nas áreas de enfermagem e das ciências exatas e tecnológicas.

Certamente os trabalhos aqui apresentados são de grande relevância para o meio acadêmico, pois proporcionam ao leitor uma gama de leituras que permitem análises e discussões sobre assuntos pertinentes à pedagogia, à biologia e à tecnologia numa perspectiva científica, através de linguagem clara e concisa, que propicia ao leitor a aproximação e o entendimento sobre alguns temas abordados nessas áreas do conhecimento.

Michéle Barreto Justus

SUMÁRIO

ÁREA TEMÁTICA PEDAGOGIA, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E INCLUSÃO

CAPÍTULO 1 1

ANÁLISE DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: SUBSÍDIOS PARA UM DEBATE

[Renan Lucas Vieira dos Santos](#)

[Tatiana Costa Coelho](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812121

CAPÍTULO 2 8

A FORMAÇÃO DOS DOCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA FRENTE AOS DESAFIOS

[Andreia Nunes de Castro](#)

[Rosângela de Fátima Cavalcante França](#)

[Sergio Paulo Mesquita Junior](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812122

CAPÍTULO 3 18

AS CONTRIBUIÇÕES DE PRÁTICAS LUDICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTANCIA DO PAPEL DO PEDAGOGO.

[Magnólia Maria Oliveira Costa](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812123

CAPÍTULO 4 30

O TRABALHO PEDAGÓGICO REALIZADO COM BEBÊS NOS CENTROS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CORNÉLIO PROCÓPIO-PR

[Roseli de Cássia Afonso](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812124

CAPÍTULO 5 41

INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NA ESCOLA REGULAR: UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

[Ivone Miranda dos Santos Menezes](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812125

CAPÍTULO 6 55

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O ENSINO E APRENDIZADO DA DANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR

[Kathya Maria Ayres de Godoy](#)

[Ivo Ribeiro de Sá](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812126

CAPÍTULO 7 68

RESPONSABILIDADE SOCIAL UNIVERSITÁRIA, PROJETO ENVELHE SER E VIDA EM MOVIMENTO

[Mírian Pereira Gautério Bizzotto](#)

Olívio José da Silva Filho

DOI 10.22533/at.ed.0631812127

CAPÍTULO 8 80

VIVÊNCIAS JUVENIS INSCRITAS EM UM PROJETO EXTENSIONISTA DE INCLUSÃO DIGITAL

Rosane Maria Castilho

Flávia Valéria Cassimiro Braga

DOI 10.22533/at.ed.0631812128

CAPÍTULO 9 96

EFEITO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NO RENDIMENTO DE MESTRANDOS NA DISCIPLINA DE FISILOGIA DA PRODUÇÃO VEGETAL NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UEG

Camila Lariane Amaro

Diego Braga de Oliveira

Patrícia Souza da Silveira

Fábio Santos Matos

DOI 10.22533/at.ed.0631812129

CAPÍTULO 10 102

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL PARA O MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA SENAC RN

Maria Augusta da Cunha Pimentel

DOI 10.22533/at.ed.06318121210

CAPÍTULO 11 117

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Victor Fabiam Gomes Xavier

Clecia Simone G. R. Pacheco

DOI 10.22533/at.ed.06318121211

CAPÍTULO 12 129

INTEGRANDO AS PARTES AO TODO: BEM-VINDOS AO SENAC SÃO CARLOS

Márcia Cristina Fragelli

DOI 10.22533/at.ed.06318121212

CAPÍTULO 13 133

MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: UMA INVESTIGAÇÃO INICIAL EM PRODUÇÕES ACADÊMICAS RECENTES

Lucas Rinaldini

Jéssica Priscila Simões

Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho

DOI 10.22533/at.ed.06318121213

ÁREA TEMÁTICA METODOLOGIAS DE ENSINO

CAPÍTULO 14 140

A UTILIZAÇÃO DAS “TIRAS HUMORÍSTICAS” COMO RECURSO MOTIVADOR PARA O ENSINO DE

CAPÍTULO 15 151

CONTRIBUIÇÕES PARA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE QUÍMICA

Jhenyfer Caroliny Almeida
Luciana Aparecida Siqueira Silva
Christina Vargas Miranda e Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.06318121215

CAPÍTULO 16 159

CADEIAS DE MARKOV: UMA APLICAÇÃO PARA O ENSINO MÉDIO

Diogo Meurer de Souza Castro

DOI 10.22533/at.ed.06318121216

CAPÍTULO 17 171

O PEQUENO CIENTISTA E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA SOBRE OS MICROORGANISMOS (BACTÉRIAS, FUNGOS E PROTOZOÁRIOS)

Marcelo Duarte Porto
Everson Inácio de Melo
Nayara Martins de Mattos
Mariana de Moraes Germano
Paloma Oliveira de Souza

DOI 10.22533/at.ed.06318121217

CAPÍTULO 18 178

METODOLOGIAS ATIVAS PARA AÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM COMPARATIVO DAS METODOLOGIAS FUNDAMENTADAS NA PROBLEMATIZAÇÃO

Ana Carolina de Moraes
Marta Jussara Cremer

DOI 10.22533/at.ed.06318121218

CAPÍTULO 19 194

A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS DIGITAIS PARA PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR

Edilmar Marcelino
Ana Beatriz Buoso Marcelino

DOI 10.22533/at.ed.06318121219

CAPÍTULO 20 204

PEDAGOGIA ATIVA: CONSTRUINDO SABERES NO ENSINO SUPERIOR

Alexandre Russo
Fabiana Meireles de Oliveira
Fatima Ramalho Lefone
Marcos Correa

Mirian Nere

DOI 10.22533/at.ed.06318121220

CAPÍTULO 21 209

O USO DO WHATSAPP NO ENSINO

Ernane Rosa Martins

Luís Manuel Borges Gouveia

DOI 10.22533/at.ed.06318121221

CAPÍTULO 22 217

TRILHA URBANA E ANÁLISE DO ESPAÇO- TEMPO NO CENTRO HISTÓRICO DO RIO DE JANEIRO COM USO DO GEOPROCESSAMENTO

Paulo Elísio Marinho Abrantes

Gleide Alencar Do Nascimento

João Carlos Nara Junior

Reinaldo Bernardes Tavares

DOI 10.22533/at.ed.06318121222

ÁREA TEMÁTICA PESQUISA HISTÓRICA

CAPÍTULO 23 237

HISTÓRIA E IMAGINÁRIO SOCIAL DAS PROFESSORAS NO PROCESSO EDUCACIONAL NO BRASIL

Gláucia da Rosa do Amaral Alves

Elsbeth Léia Spode Becker

DOI 10.22533/at.ed.06318121223

CAPÍTULO 24 253

CAPITALISMO, GLOBALIZAÇÃO E CULTURA AFRODESCENDENTE:

A ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA ANA LAURA (PIRACANJUBA/GO)

Iván Mauricio Perdomo Villamil

Flávio Reis dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.06318121224

CAPÍTULO 25 268

A INDUMENTÁRIA FEMININA EM ANÁPOLIS ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1950

Amanda Milanez Fenerick

DOI 10.22533/at.ed.06318121225

CAPÍTULO 26 283

A INOPERÂNCIA DO ESTADO DIANTE DAS BARBÁRIES NO HOSPITAL COLÔNIA EM BARBACENA-MG

Fernanda Cristina de Brito

Márcio A. R. Rezende Filho

Juliana do Nascimento Farias

Cristiano Garcez Gualberto

DOI 10.22533/at.ed.06318121226

CAPÍTULO 27 288

A PRODUÇÃO DE UM DISCURSO DE NATUREZA NO PAMPA SOB O OHAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Renata Lobato Schlee

Paula Corrêa Henning

DOI 10.22533/at.ed.06318121227

CAPÍTULO 28 303

EDUCAÇÃO, EXCLUSÃO E SILENCIAMENTO: A ESCOLA PÚBLICA NA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO (1850-1889)

Vinicius Teixeira Santos

DOI 10.22533/at.ed.06318121228

CAPÍTULO 29 316

SOBRE AS NOÇÕES DE SEMELHANÇA E DESSEMELHANÇA NA DEFINIÇÃO DA HUMANIDADE INDÍGENA: UM ESTUDO A PARTIR DE UM TEXTO JESUÍTICO DO SÉCULO XVI

Marcos Roberto de Faria.

DOI 10.22533/at.ed.06318121229

ÁREA TEMÁTICA PROCESSOS BIOLÓGICO E TECNOLÓGICOS

CAPÍTULO 30 321

A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE NEOPLASIAS: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Francisco Lucas Sales Dressler Silva

Thyago Pereira Douglas Machado

Felipe Valino dos Santos

William Dias Borges

Glenda Keyla China Quemel

Ana Gabriela Sousa Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.06318121230

CAPÍTULO 31 326

ANÁLISE COMPARATIVA DO CRESCIMENTO INICIAL DE *EUCALYPTUS GRANDIS* HILL EX MAIDEN (MYRTACEAE) E *GUAZUMA ULMIFOLIA* LAM. (MALVACEAE)

Thaynara Martins de Oliveira

Rayane Rodrigues Ferreira

Jales Teixeira Chaves Filho

DOI 10.22533/at.ed.06318121231

CAPÍTULO 32 330

ESTIMATIVA DA VARIABILIDADE ESPACIAL DO ÍNDICE RELATIVO DE CLOROFILA POR MEIO DE KRIGAGEM INDICATIVA

Caroline Xavier dos Santos

Elaine de Fatima Miranda Freitas

Sueli Martins de Freitas Alves

DOI 10.22533/at.ed.06318121232

CAPÍTULO 33 338

LÁTEX E ANGIOGÊNESE

Patrícia Lima D'Abadia

Amanda Fernandes Costa

Pablo José Gonçalves

Luciane Madureira de Almeida
DOI 10.22533/at.ed.06318121233

CAPÍTULO 34 356

RESFRIAMENTO DO AMBIENTE INTERNO DE MODELOS REDUZIDOS DE RESIDÊNCIA USANDO A TÉCNICA POT-IN-POT EM PAREDES

Marianne Silva Guimarães
Lídia Alla Silva
Patrícia Sardinha Dias
Isabella Faria Santos
Miriã Moreira Costa
Dra. Raphaela Christina Costa Gomes

DOI 10.22533/at.ed.06318121234

CAPÍTULO 35 366

TRATAMENTO TERCIÁRIO DO CORPO HÍDRICO DO RIBEIRÃO VAI E VEM NO MUNICÍPIO DE IPAMERI – GO CONTAMINADO POR EFLUENTE DOMÉSTICO.

Luciana Maria da Silva
Janaína Borges de Azevedo França
Luana Mesak
Anderson Dias

DOI 10.22533/at.ed.06318121235

CAPÍTULO 36 376

HYDROFLOW: MEDIDOR DE FLUXO DE ÁGUA COM ENFOQUE NO CONSUMO SUSTENTÁVEL

Yonathan Stein
Alex Martins de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.06318121236

SOBRE A ORGANIZADORA..... 392

A PRODUÇÃO DE UM DISCURSO DE NATUREZA NO PAMPA SOB O OLHAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Renata Lobato Schlee

Universidade Federal do Rio Grande - FURG.
Grupo de Estudos em Educação, Cultura,
Ambiente e Filosofia – GEECAF. Rio Grande – Rio
Grande do Sul.

Paula Corrêa Henning

Universidade Federal do Rio Grande - FURG.
Grupo de Estudos em Educação, Cultura,
Ambiente e Filosofia – GEECAF. Rio Grande – Rio
Grande do Sul.

RESUMO: Este artigo nos coloca diante de algumas discussões pertinentes ao campo da educação ambiental. Nos traz questões que problematizam a relação entre cultura e natureza. Precisamente sobre a produção de um discurso de natureza no Pampa, tomando como problema, “Como os fotógrafos e suas fotografias fabricam uma natureza pampeana na atualidade?. Recortamos o Pampa do Rio Grande do Sul, no Brasil; Urugua y e Argentina. Focando na produção de um discurso de natureza, problematizamos a complexidade das relações e interações ambientais aí estabelecidas e construídas culturalmente sob o olhar da educação ambiental. Uma educação ambiental provocativa em pensamentos e possíveis deslocamentos daquilo que tomamos por verdades. Nos aliamos ao referencial teórico metodológico de análise do discurso

de Michel Foucault. Felix Guattari também nos ajudou quando evidenciamos o Pampa como territorialidade, onde formas de ser e estar são construídas. Nosso destaque são algumas das condições de possibilidade que constituem o expoente cultural do Pampa, o sujeito gaúcho numa composição de objetividades e subjetividades. Para isso, trazemos algumas pistas do que o material empírico desta pesquisa de doutoramento apontou a partir do dito de entrevistas e do não dito do imagético de fotografias. Neste texto focamos na força do imagético. Uma pesquisa que contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **PALAVRAS-CHAVE:** Natureza; Pampa; Fotografia; Gaúcho; Educação Ambiental.

ABSTRACT: This paper puts us before some discussions pertinent to the area of environmental education, presenting ideas that problematize the relationship between culture and nature. Thus, we discuss more precisely about the production of a discourse of nature in the Pampa, trying to answer the following question: “How do photographers and their photographs create a Pampean nature nowadays?. In this process, we selected the Pampa of Rio Grande do Sul in Brazil, Uruguay, and Argentina, focusing on the production of a discourse of nature. Then, we problematized

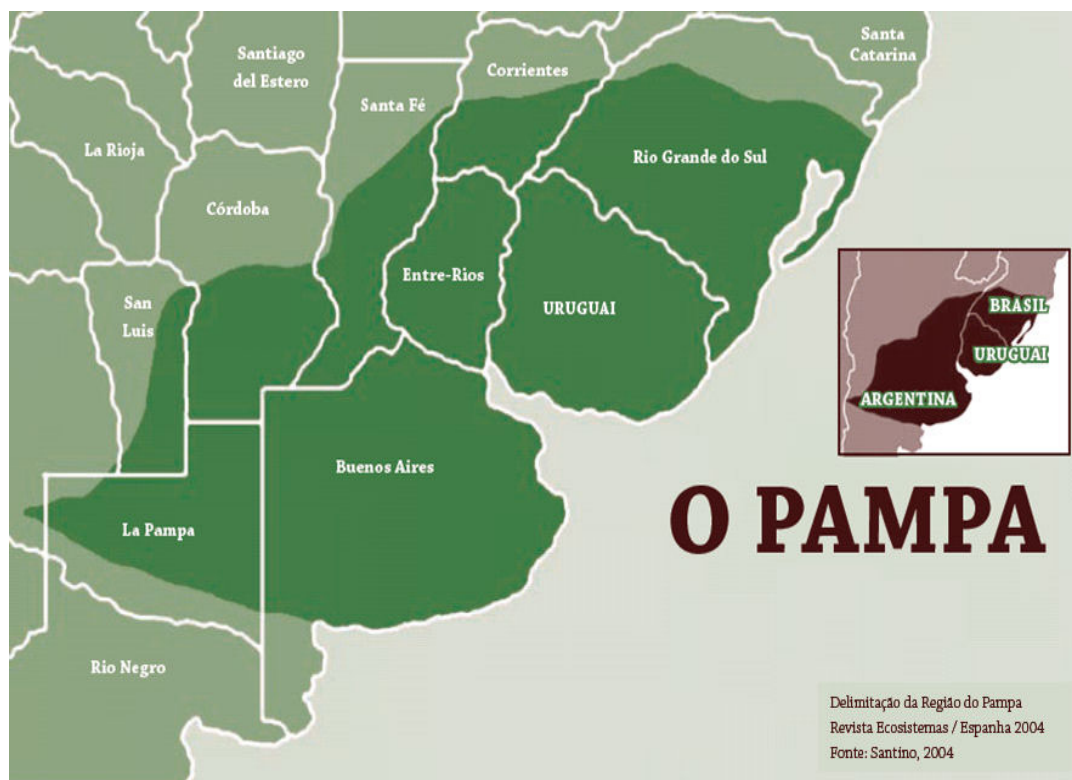
the complexity of environmental relations and interactions established and culturally constructed under the view of environmental education, which is provoked in thoughts and possible movements of what we take as reality. We decided to follow Michel Foucault's theoretical-methodological analysis of the discourse, and Félix Guattari helped us when we approached the Pampa as territoriality, where forms of being are constructed. Our highlights are some of the conditions of possibility that form the cultural figure of the Pampa, the subject of the Gaucho in an arrangement of objectivities and subjectivities. For that, we brought some clues about what the empirical material of this doctoral research pointed from the said of interviews and the unsaid of the imagery of the photography. It is also important to mention that this research had the financial support of the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

KEYWORDS: Nature; Pampa; Photography; Gaucho; Environmental Education.

1 | INTRODUÇÃO

Este estudo, analisou o Pampa do Brasil - BR, no Rio Grande do Sul; do Uruguay e da Argentina através de seu expoente cultural chamado gaúcho (gaucho). Partimos do entendimento de que este sujeito expressa um discurso de natureza que é fabricado e produzido a partir dele e sua cultura. O Pampa, além de um território geográfico foi tomado como uma forma de ser e de viver, onde, historicamente se faz em campo de saberes, lutas, disputas, chegadas e partidas. Um território que constitui e é constituído por diversos atravessamentos.

As terras do Pampa, localizam-se no extremo sul do continente da América do Sul, e tem sua geografia predominantemente distinguida por relevos de planícies e coxilhas, matas de galeria e banhados. Algumas espécies endêmicas são encontradas nesses campos que compõe aproximadamente 700 mil Km² dessa região sul-americana. Abarca todo o Uruguay; grande parte do Rio Grande do Sul - RS, no Brasil; e parte da Argentina, incluindo as províncias de Corrientes, Entre-Rio, Santa-Fé, Córdoba, San Luis, La Pampa e Buenos Aires (PILAR, 2009). Alguns autores incluem parte do Paraguai como Pampa. Aqui nos baseamos nos conceitos de Pilar (IBIDEM) e em seu recorte geográfico que apresentamos abaixo.



PILAR, 2009, p. 43.

O Pampa como tentamos apresentar nesta pesquisa, é entendido para além do conceito geográfico. Se faz em território, como Guattari (1995) nos ajuda a refletir sobre esse conceito e nos convida a reexaminá-lo a partir de conjuntos que atravessam a relação entre o indivíduo e a subjetividade, trazendo-o como modos de viver padronizados. Ou seja, exploramos o território pampeano como uma composição histórica, como conjunto de diferentes fatores, que incluem maneiras de ser, de pensar, e maneiras de viver já uniformizadas. Pretendemos levantar algumas considerações sobre a constituição do expoente cultural do Pampa identificado como gaúcho ou gaucho. O sujeito gaúcho e a fabricação de um discurso de Natureza. Para isto, nos apoiamos em alguns ensinamentos de Michel Foucault que nos traz algumas ferramentas para análise do discurso e também problematizações para o entendimento da própria história, focando na história do presente que toma a genealogia como uma forma de história (Foucault, 2008). Trazemos para discussão, um recorte de análise de pesquisa de doutoramento destacando elementos do corpus empírico e análises feitas, lembrando alguns ditos de entrevistas e imagético de fotografias sobre natureza Pampeana. Uma pesquisa que tomou a seguinte pergunta: “Como os fotógrafos e suas fotografias fabricam uma natureza pampeana na atualidade?”.

E foi sob as lentes da educação ambiental que problematizamos os ensinamentos sobre natureza e cultura que se mostraram em jogo no material de análise. Educação ambiental como um campo de saber que se propõe em olhar provocativo e analítico. Para além de prescrições, provocações que nos desloquem em interesses e questionamentos de como nos percebemos e constituímos através dos discursos.

2 | UM DISCURSO DE NATUREZA NO PAMPA

O desafio de entender a história não é simples. Podemos começar nos perguntando sobre o que é a própria história. Colocar a posição que assumimos no entendimento sobre a história passa a ser estratégico para que os passos percorridos neste artigo fiquem mais claros. Tal fato nos leva também a querer salientar, de início, o quanto é desafiador escrever sobre a história.

Quando falamos de história, pensamos em acontecimentos passados que podem ser relatados em nosso presente. Pensamos ter a capacidade de retratar esse passado exatamente como ocorreu em tempos idos. Os fatos históricos vão sendo contados e construídos como verdades absolutas e assim vamos construindo entendimentos sobre o que passou, tomando esses acontecimentos como revelados, desvendados e desvelados.

Aqui, em outro olhar para os acontecimentos históricos, pensamos em nossos próprios limites quando estudamos e analisamos um determinado tempo histórico. Entendemos que fazemos e construímos narrativas sobre esses tempos através de documentos e testemunhos. Sendo assim, há sempre uma incompletude a ser considerada. Como nos lembra Veyne (2008), há sempre uma defasagem entre a reflexão da narrativa histórica e as vivências, próprias do tempo em que ocorreram. A análise histórica, na capacidade e potencialidade expressada, evidencia posições e escolhas que vamos assumindo na construção dessa narrativa. São seleções documentais e de testemunhos que vamos executando e produzindo. São narrativas que expressam olhares, expressam tramas e atravessamentos selecionados de um espaço tempo. É como se pinçássemos os elementos que formam nossa narrativa. E, ao pinçar, selecionamos entre outros elementos aqueles com os quais queremos trabalhar nessa análise. Por isso, é possível dizer que a história é feita também de escolhas e renúncias.

Atuamos, na análise histórica, assumindo posições. Assumimos posições de sujeito que anunciam de que lugar estamos falando e, portanto, nossa posição nas tramas e jogos de poder para e na execução da análise histórica. Concomitante, a narrativa vai também evidenciar os jogos de poder pinçados sobre aquele espaço tempo. São relações de poder que estão em evidência. E isto, desloca o entendimento da história como desveladora das verdades do passado. Entendemos que não desvelamos verdades, mas assumimos uma seleção e compomos uma narrativa histórica. Construímos essa narrativa em meio a seleção que vamos executando. Construímos verdades? Sim, construímos verdades em nosso tempo. Construímos, nesta perspectiva verdades entendidas como provisórias. Portanto, as verdades históricas são temporárias e sujeitas a revisões, novos olhares e perspectivas. Sujeitas a novos pinçares, seleções, entendimentos e análises.

Assim, a história é assumida por nós, como campo de possibilidades. É no pinçar das fontes, no seu manuseio, nas tramas e entrelaçamentos que vamos construindo,

de acordo com nossos critérios, o que chamamos de história.

Então, falar da história do Pampa do RS, Uruguai e Argentina foi percebido neste trabalho como possibilidade de destacar algumas tramas e entrelaçamentos. É um pinçar construído na e pela pesquisa. No manuseio das fontes procurar a história do presente e as especificidades que se apresentam em jogos e lutas, estratégias e táticas de poder.

Encaramos a história do Pampa como plural e sujeita a diferentes perspectivas. Vamos recortando as ações humanas em perspectivas temporais e espaciais, montamos narrativas que pretendemos coerentes. E, como nossa seleção depende dos nossos critérios, encaramos que a história é subjetiva. Encaramos que a história se dá como campo de possibilidades de interpretações como aponta Veyne,

A todo momento, dão-se acontecimentos de toda espécie, e o nosso mundo é o do vir a ser; é crer-se que alguns desses acontecimentos teriam uma natureza particular, seriam 'históricos' e constituiriam a História. Ora, a questão inicial que o historicismo colocava era a seguinte: o que é que distingue um evento histórico de um outro que não é? Como logo se tornou evidente que não era fácil fazer-se essa distinção, que não se podia confiar na consciência ingênua ou na consciência nacional para fazer a separação, mas que não se conseguia fazer melhor do que ela e que o objeto do debate escapava por entre os dedos, o historicismo concluiu que História era subjetiva, que ela era a projeção de nossos valores e a resposta às perguntas que houvéssemos por bem fazer-lhe. (VEYNE, 2008, p. 37).

Quando escolhemos pesquisar sobre o Pampa e sua cultura, sua natureza e o sujeito que produz e ao mesmo tempo é constituído nos discursos, percebemos que estamos tentando selecionar e construir possibilidades de olhares. Atentamo-nos em cruzamentos de itinerários que se apresentam como possíveis no processo de pesquisa. Tencionamos as forças que se apresentam, perseguindo como um discurso de natureza no Pampa do RS, do Uruguai e Argentina vem se constituir como legítimo a partir de fotógrafos e suas fotografias. Nosso olhar sobre o Pampa vem na tentativa de problematizar como se constitui um discurso de natureza na atualidade, pois notamos na configuração desse território traços que são marcados através do dito de entrevistas e não dito de fotografias, e que se estabelecem em formação discursiva.

Tomamos o discurso de natureza do Pampa a partir dos ensinamentos de Foucault (2002), sobre análise do discurso, assim, nos debruçamos em entrevistas e registros fotográficos efetuados pelos entrevistados ao representarem suas imagens do que é a natureza no Pampa. Essas narrativas foram tomadas como enunciações sobre o Pampa e sua natureza. Em conjunto as entrevistas, as imagens compuseram a pesquisa no entendimento de que elas também nos dizem da representação desse território. Ditos e não ditos como forças que nos falam e nos constroem pelas representações de natureza que constituem e fabricam. Entendendo que essas próprias forças são ao mesmo tempo constituídas e fabricadas.

As fotografias e as entrevistas foram estudadas na possibilidade de reflexões e análises sobre o problema que levantamos e foi na análise das forças acionadas a partir desse corpus que tivemos potência para o entendimento de como o sujeito

pampeano percebe, constrói e fabrica um discurso de natureza. Diante da temática do problema e do material empírico apresentado notamos a possibilidade de enunciações que se ligaram e se tornaram fortes para a análise da formação discursiva em estudo: a natureza.

Para olhar para o Pampa de hoje, é preciso olhar para a história. Aqui o dito nos reportou olhar para a história com os olhos do presente através das entrevistas. Buscando e descrevendo o dito, foi se constituindo o discursivo da pesquisa. Colocamos em evidência alguns enunciados, definimos as regras que os constituíam mais potentes entre outros, dentre as condições sociais, ambientais, econômicas etc. Nossa intenção foi chegar ao discurso através desses enunciados, considerando-os como partículas desse discurso, enfim entender e descrever como um discurso de natureza se forma no Pampa numa discussão ampliada para as condições de materialidade desse discurso.

Salientamos que o Pampa vem sendo bastante estudado nos últimos anos e caracterizado em suas diferentes expressões. A problemática ambiental do Pampa vem sendo pauta de diferentes eventos e instituições através de estudos e trabalhos de cunho científico, artístico, literário, etc. Temos trabalhos elaborados sobre o Pampa que nos remetem a diferentes dissertações e teses, mas também temos inúmeros trabalhos e instalações artísticas sobre o mesmo. São atravessamentos que nos fazem pensar e questionar a construída dicotomia entre cultura e natureza. O que no Pampa podemos dizer como natural? E, o que no Pampa podemos definir como cultural? Pois, entendemos que são definições e marcações que expressam um discurso de natureza que é fabricado e produzido na e pela cultura. Então, tomamos a natureza como formação discursiva e é Foucault quem nos situa

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”. (FOUCAULT, 2002, p. 43)

Aqui está a importância de descrever, analisar e problematizar, pois, tomamos os discursos como tão óbvios e naturalizados, que já não nos provocamos mais com eles em novas experiências. Para isso, com esse problema de pesquisa colocado, chegamos a dois grandes questionamentos: 1. Como se estabelece a relação entre cultura e natureza na constituição do sujeito do Pampa? / 2. Como se entrelaçam os ditos e as fotografias pampeanas na fabricação de um discurso de natureza?

Foi preciso buscar o caráter construído, contingente, não transcendental do sujeito que vive no Pampa e fabrica esse discurso, entendendo que ao mesmo tempo, esse sujeito cultural, caracterizado por gaúcho, se constrói nesse processo. Aqui, lembramos Flusser (2009) quando aponta que o que vemos ao contemplar imagens

não “é o mundo”, mas conceitos relativos ao mundo, na superfície da imagem temos as impressões do mundo. A fotografia, portanto, participa de estratégias discursivas históricas, e colabora na legitimação ou não, de alguns discursos tomados como verdades.

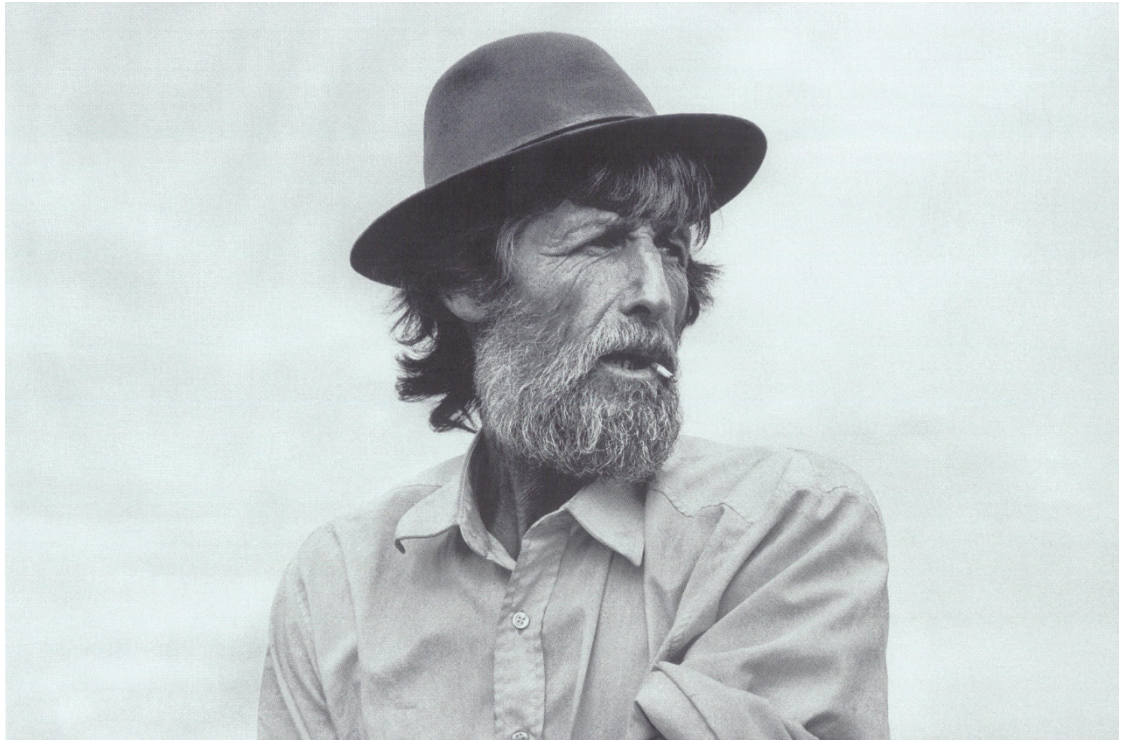
O discurso de natureza que sujeita o sujeito, mas que ao mesmo tempo é construído por ele foi colocado em suspenso nesta pesquisa. Pois os discursos são invenções e como invenções se estabelecem em regimes de verdade. Regimes de verdade enquanto fabricação cultural. A verdade pode ser vista como um produto de relações de força, jogos de verdade em que algumas são dadas como corretas. Como produzimos um discurso de natureza colocado na atualidade? Neste momento vamos nos debruçar sobre a história dessa formação cultural, procurar entender a produção desse sujeito cultural. Buscar as articulações entre a história e o discurso de natureza produzido e tomado como verdade.

É com Foucault (2002a) que buscamos o entendimento de verdade, pois esse autor transporta para o sentido de invenção aquilo que se tinha por origem. Ou seja, passamos a encarar a verdade como possibilidade de invenção. Não buscaremos na história do Pampa do RS, Uruguai e Argentina a verdade absoluta, mas as verdades sobre natureza inventadas, fabricadas, narradas e assumidas como legítimas pelo sujeito pampeano nesse espaço específico. Assim, passamos a trabalhar com algumas condições de possibilidade para a formação do discurso de natureza. Trazendo a história, tentamos estabelecer possíveis articulações ao discurso de natureza. Tentamos escrever e descrever possíveis atravessamentos da história para um discurso de natureza.

O sujeito pampeano, o gaúcho, é um sujeito discursivamente construído, sendo um resultado, um produto cultural. Assim nos lançamos em sua história numa perspectiva que entrelaçasse saberes e poderes e evidenciasse não só a sua própria fabricação enquanto sujeito, mas em como esse sujeito inventa um discurso de natureza.

Como dissemos, esse Pampa, para além de um território geográfico pode ser entendido como uma forma de ser, de viver. Constitui e é constituído por diversos atravessamentos culturais, geográficos, políticos, sociais, econômicos, biológicos... Dizemos que o gaúcho é uma figura cultural que se desenvolveu nos últimos séculos ao longo das pradarias do Pampa, aqui buscado em sua singularidade e complexidade nos indagando sempre em que condições de possibilidade se constitui um discurso de natureza nesse Pampa e abrindo a possibilidade de desnaturalizar esse próprio discurso.

Lembramos que o gaúcho se firma como figura cultural em séculos de conflitos, batalhas e disputas e traz uma relação com a terra bastante peculiar.



FABINI, 2012, p. 9

A imagem acima é uma página do livro de fotografia, de Luis Fabini, chamado “Gauchos”. Temos uma fotografia com uma legenda de Gaucho, uma imagem que faz uma representação desse sujeito. É um retrato atual (2012) e Fabini conta que

Un día compartiendo mates com um gaucho viejo, le pregunté: ¿Qué es el gaucho? Luego de un largo silencio me dijo: “el gaucho es el terrón que pisa”. Lo comprendo al instante: el hombre se crea a semejanza de lo que hace. Es uno con lo que hace. (FABINI, 2012, p. 24) [notas do autor]

O sujeito é representado pelo fotógrafo como um gaúcho e, sentindo-se em tal condição, quando perguntado, diz o que é sê-lo. A resposta é curta e nos direciona a pensar na terra, no espaço que esse sujeito habita e fabrica historicamente, assumindo, para ele, um papel definidor do próprio entendimento de si. A foto nos pareceu emblemática. O gaúcho ali representado é uma figura masculina, usando camisa, chapéu, olhando ao longe... alguém que fala de si, associando-se à terra que pisa. Como se constrói essa relação? Como se constrói essa formação cultural no Pampa? São indagações que nos fizemos buscar, através da história, as forças que estiveram ou estão em jogo na formação dessa terra, dessa figura cultural, dessa territorialidade.

Provocações para refletirmos juntos sobre os processos de objetivação e subjetivação que concorrem na construção deste indivíduo. Há, no Pampa, esse sujeito que se reconhece como gaúcho, que se construiu e se constrói nas tramas da história e que nessa relação com a terra constrói uma natureza.

Percebemos acima, no sujeito apresentado na foto de Fabini e em seu dito, um forte sentimento de conexão com a terra, sentindo-a como parte de si, como ocupação, como uma extensão que se faz numa unidade. Essa ocupação, que até o

século XIX definia um tipo humano errante e nômade, constituía ao gaúcho um modo de ser aventureiro, o qual se ligava ao contrabando ou ao coureamento – atividades que o faziam integrante dessas terras, sem a preocupação pelas disputas políticas e comerciais, ou de posse sobre esse espaço. Às vezes, no exército era incorporado, fazendo parte das tropas e milícias relacionadas aos conflitos ou em missões esporádicas de cunho econômico, impulsionadas pelos proprietários locais que os contratavam para serviços de toda ordem. O entendimento depreciativo do lugar que esse gaúcho ocupava na cadeia social da região pampeana era significativo: um lugar de marginalidade, com a efetiva ocupação e divisão das propriedades rurais a partir do século XVIII. Nele, o sujeito deveria se sujeitar, pois é quando o mundo da lei, a ocupação oficial da terra como propriedade e o trabalho regular passam a imperar.

Desse modo, será com o processo de cercamento dos campos, depois da metade do século XIX, que o sujeito gaúcho se provocará em achar um novo lugar no contexto do Pampa.

Apenas nos anos de 1870, as fazendas sul-rio-grandenses começaram a cercar-se; primeiro, com arame liso, a seguir, farpado, como o que ocorrera alguns anos antes nos campos uruguaios e argentinos. Salvo engano, também não há estudos monográficos sobre esse processo e suas importantes consequências sociais e econômicas.

O cercamento com arame de campos, invernadas, poteiros e currais, transformou em intruso o gaúcho errante que atravessava os campos indivisos abatendo gado para ter carne para comer e couro para vender. Expulso para sempre dos campos agora cercados, embretado na fazenda e no galpão miserável, concluiu-se a metamorfose do índio gaudério em peão assalariado pobre. (MAESTRI, 2003. Disponível em: <http://anovademocracia.com.br/no-13/1022-fazendas-cercas-e-legalidade>. Acesso em 16/5/2016).

Nas relações de poder colocadas pelas novas forças produtivas que surgem com os estancieiros, charqueadores e comerciantes locais, o gaúcho errante e caçador vai perdendo seu espaço aberto e livre. É incorporado como peão nessa nova estrutura fundiária; seguirá marginal, ocupando terras em disputa ou, ainda, procurando e ocupando o meio urbano.

Os traços culturais desse sujeito campeiro, dominador dos campos, domador dos cavalos, esperto no trato com o gado e pronto para enfrentar as adversidades da vida rural ainda são fortes e marcantes nos dias atuais. A relação com a terra (o campo) marca esse sujeito, como no dito que o fotógrafo Fabini nos proporcionou mais acima. Golin (2004) discute o quanto a passagem de uma figura marginalizada à figura romântica e desejada tem raízes em modelos românticos europeus que inspiraram personagens na literatura do Pampa, assim como no mito, criado pelos Centros de Tradição Gaúcha e Movimento Tradicionalista Gaúcho, tão fortes e atuantes nos dias de hoje quando se trata do Pampa do Rio Grande do Sul, por exemplo. É, ainda, Golin (2004) quem nos ajudar a pensar sobre essas ideias, trazendo o exemplo do Movimento Tradicionalista Sul-rio-grandense (Brasil), a partir do qual ele problematiza a incorporação do gaúcho sob a roupagem do tradicionalismo.

Nesse processo intelectualmente buscado entre a sustentação na memorialística e na normalização de uma identidade que fosse, ao mesmo tempo, individual e gentílica, está a robustez do tradicionalismo rio-grandense como mito e sua eficiência como dogma. Seus engendrados –muitos ainda vivos entre nós – abdicam da autoria, muitas vezes convencidos de que são realmente incorporações axiomáticas. Esse esquema relativamente simples funciona porque carrega consigo fragmentos emotivos do modo de vida real e imaginário dos sulinos. É campo fértil às fantasias e aos rituais garantidos por um robusto e intenso calendário de eventos, sustentado, em seus momentos grandiosos, por uma impressionante rede de comunicação moderna –televisões aberta e por assinatura, rádios, jornais, revistas e internet. Essa identidade, pois, está traçada e encravada no pau-de-fita do marketing. (GOLIN, 2004, p. 11)

Nessa situação, vemos um gaúcho idealizado por forças consideravelmente conservadoras e não necessariamente tradicionais. Pelas forças desses movimentos, vemos um gaúcho forjado no conservadorismo. Contudo, desde os primórdios que marcam o surgimento cultural do gaúcho até atualmente, é possível vermos, muito associada à figura desse ser, uma caracterização de natureza ligada ao campo e aos animais que estão mais próximos dele. Mesmo quando partimos do olhar crítico de Golin (2004) e observamos esse sujeito no atravessamento atual entre o urbano e rural, temos uma figura que vai se construindo sempre na idealização de um campo desejado e perdido, na figura de um gaúcho herói de batalhas e desbravador da terra, dos campos, da natureza.

É dessa forma que tentamos compreender o presente, indo para história. O sujeito gaúcho se constitui e constrói seu ambiente, atravessado pelas condições de possibilidade de seu próprio tempo, como um ser que se fabrica e é fabricado simultaneamente. É preciso visitar essa expressão cultural, em seu passado histórico, com o olhar atento do presente. Como o gaúcho tornou-se o que é? Sobre os olhos da história, buscamos entender a constituição desse sujeito e um discurso de natureza construído por ele, evidenciando os modos em que esse indivíduo do Pampa constitui suas relações de força, o que entende e percebe por natureza, entrelaçando passado e presente.



BANDEIRA, 2013, p. 189.

A imagem acima – de Debret, pintor francês, datada da primeira metade do século XIX – nos traz o gaúcho em seu cavalo, sua montaria, na lida com o gado, no seu aprisionamento e coureamento. Mais de um século depois, temos a fotografia de Zé Paiva (2008), que também identifica o gaúcho como o ser no campo, no seu cavalo, na lida com o gado.



Foto de Ze Paiva/Vista Imagens

PAIVA, 2008, os 140 e141.

Um expoente cultural que se atualiza. Perguntamos: como essa forma de ser e estar gaúcho, que vai se atualizando no tempo, percebe e produz uma natureza? Buscamos o caráter contingente, não transcendental, do sujeito que vive no Pampa e fabrica esse discurso de natureza, entendendo que, ao mesmo tempo, o indivíduo se constrói nesse processo. Esse discurso de natureza que sujeita o sujeito, e que, ao mesmo tempo, é construído por ele pode ser colocado em suspenso. Como dissemos, os discursos são invenções e, como invenções, se estabelecem em regimes de verdade.

São histórias que carregam as suas verdades marcadas por seu espaço-tempo. Histórias que nos colocaram frente ao Pampa, com suas vidas, numa perspectiva de movimento e construção, destacando o expoente cultural gaúcho nas tramas de uma construção discursiva de natureza.

3 | EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO POSSIBILIDADE DE OLHAR

Para olhar para o Pampa de hoje, foi preciso olhar para a história. O dito das entrevistas nos reportou olhar para o passado com os olhos do presente. A partir de Foucault (2002) entendemos que se cria, a partir desse corpus discursivo uma possível formação discursiva sobre natureza. Com as fotografias pelo imagético, e pelo contar das entrevistas, procuramos cenas enunciativas que nos caminhos da análise do discurso de Foucault, dessem visibilidade a um discurso de natureza, revelando uma forma de constituir a natureza. Ainda sobre o não discursivo, trazemos mais uma vez esse autor, quando nos ensina que por mais que se diga o que se vê, o que vemos não se instala no que se diz. É preciso buscar o infinito dessa tarefa... (FOUCAULT, 2007).

Temos então, uma formação discursiva pertinente ao campo de saber da educação ambiental. Pois na preocupação com o que tomamos por natureza, lembramos que “entre os desafios que se apresentam à Educação Ambiental contemporânea está o de ultrapassar os aspectos puramente biológicos (evolutivos) da biodiversidade e incorporar os seus aspectos antropológicos, culturais, econômicos e políticos” (REIGOTA, 2010, p. 546). Tomamos assim, a Educação Ambiental em sua articulação com os modos de vida, de ser e viver no ambiente do Pampa.

A educação ambiental pode ser o olhar reflexivo, analítico e provocativo dos processos culturais em seus atravessamentos ambientais e ficará atenta ao como nos percebemos e constituímos através dos discursos. Discursos que nos desafiam a pensar em novas possibilidades de ser e estar a partir da análise e problematização de ditos e imagens como nos propomos.

As fotografias como expressões, nos trazem variados focos de variados domínios culturais. Diferentes práticas culturais podem ser potentes para a educação ambiental, podendo ser a repetição do mesmo, como podendo, também, fazer-se em experiência, provocando-nos para além do já pensado. A prática cultural aqui escolhida foi a fotografia.

E o “olhar” da educação ambiental nos colocou o pensamento em movimento, em possibilidade de experiência com o próprio pensamento. Nos colocamos em pensamento sobre como vimos nos educando e educando nosso olhar a partir do imagético. Uma experimentação que se fez nessa pesquisa, buscando uma educação ambiental que insistisse em provocações. Ou seja, uma educação ambiental provocativa em pensamentos nessa fabricação cultural de imagens em diferentes cotidianos e gestos. Diferentes atos e gestos, trazidos em relações estéticas – a partir da cultura. Movimentos de força, movimentos de poder, estabelecendo diariamente significados que nos interpelam através da cultura.

Movimentos do pensamento que podem homogeneizar as relações ambientais fundamentando verdades e, no contrapelo, pensar sobre práticas culturais como a fotografia, lançando-se em sua problematização e análise. “[...] entender a cultura como prática de significação implica vê-la como estando intimamente conectada às relações de poder que estão em jogo nas práticas sociais” (GUIMARÃES, 2007, p.240).

Sendo assim, não seria o campo da educação ambiental um espaço de experimentos? Em deslocamento a um campo que possa se colocar com “a verdade”? Permitindo a emergência de novos caminhos, vemos que a educação ambiental pode ser tomada como possibilidade de ensaio e seu exercício, numa experiência modificadora de si no jogo da verdade.

[...] O “ensaio” – que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (FOUCAULT, 2012, p. 15 e 16).

Educação ambiental como “corpo vivo”, pensando maneiras de proceder nos discursos, em como nos colocamos diante das verdades. Um exercício que pode ser potencializado através do estranhamento com as verdades. Educação ambiental como atividade filosófica. Que verdades são essas que assumimos como legítimas? Como nos colocamos nos jogos de poder? Como nos desafiamos? Como exploramos o que pode ser mudado em nosso pensamento como diz Foucault em mais uma passagem

[...] Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? Existe sempre algo de irrisório no discurso filosófico quando ele quer, do exterior, fazer a lei para os outros, dizer-lhes onde está a sua verdade e de que maneira encontra-la, ou quando pretende demonstrar-se por positividade ingênua; mas é seu direito explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através do exercício de um saber que lhe é estranho. [...] (FOUCAULT, 2012, p. 15).

Por esses caminhos, a educação ambiental pode se apropriar de práticas culturais como a fotografia, para explorar como pensamos, o que foi propósito dessa pesquisa em aproximação estética entre cultura e natureza, pensando e se fazendo em possibilidades de experiência. Ratto nos lembra que fazer-se com filosofia é

“fazer-se em experiência” (2008, p. 140). Uma educação ambiental que se associe às práticas culturais, fazendo-se em experiência e, quem sabe, podendo “produzir aberturas no pensamento, não oferecendo modelos ou propostas diretamente [...], mas nos exigindo certa conversão de olhar ao que estamos tão acostumados a ver, trazendo “uma atitude de olhar, uma postura artística diante da vida e da contradição da existência” (LOPONTE, 2016, p. 185)” [nota da autora].

Encaminhando a finalização deste texto reforçamos que diante das possibilidades discursivas em relação ao que tomamos por natureza, objetivamos discutir aqui o que vimos tomando por natureza no Pampa e assim, nos abrimos em tentativas de problematizar o que assumimos por verdades e em como legitimamos essas ditas verdades.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao focar alguns atravessamentos provocados por um discurso de natureza, levantamos uma complexidade de relações e interações ambientais aí estabelecidas e construídas culturalmente. Pelo olhar da Educação Ambiental nos provocamos em reflexões que podem nos instrumentalizar para entendimentos na fabricação de discursos.

Destacamos a importância de investigar as relações de força e as interações que vão se estabelecendo e constituindo verdades. Procuramos a constituição de um discurso de natureza no Pampa e assim a possibilidade de evidenciar verdades que se fazem discursivamente, para isso tomamos a genealogia como forma de história, uma história do presente.

Destacamos a fotografia, ou o não dito da referida pesquisa, como prática cultural que nos ensina e institui formas de ser e estar no mundo. O imagético proporciona um movimento de poder, de expressão e de abertura a muitas possibilidades. Neste artigo foi trazido como ferramenta para pautar questões de nosso tempo, expressando e questionando relações ambientais, no que tange ao que assumimos por natureza no Pampa, questionamentos que fundamentam a própria razão de ser da educação ambiental.

Assim a educação ambiental pode colocar-se como campo da suspeita, fazendo-se em exercício da suspeita. Implicando-se em pensamentos e possíveis deslocamentos em modos de ser e estar. Nos colocando em possibilidade de experiência naquilo que tomamos por natureza. Ponderada como ensaio, como “corpo vivo” que seja capaz de pensar sobre o pensamento de seu espaço tempo.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro. **Debret e o Brasil**. Obra Completa. Capivara. 2013.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 6ª edição. Forense Universitária. 2002.

_____, Michel. **As palavras e as Coisas** - Uma arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo. Martins Fontes, 2007.

_____, Michel. **História da Sexualidade 2**. O uso dos prazeres. São Paulo. Graal. 2012.

_____, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo. Graal. 2008.

_____, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. 3ª edição. NAU Editora. 2002a.

FABINI, Luis. **Gauchos**. Uruguai. Pressur Corporation AS. 2012.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: ensaio sobre uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 2009.

GOLIN, Tau. **Identidades** – Questões sobre as representações socioculturais no gauchismo. Passo Fundo. Clío, Méritos, 2004.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 5ª edição. Papirus. 1995.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **Pesquisa em Educação Ambiental: olhares atentos a cultura**. In: WORTMANN, Maria Lucia; SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela; SOUZA, Nadia; KINDEL, Eunice Aita (Orgs). Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência. Porto Alegre. UFRGS. 2007.

LOPONTE, Luciana; Momoli, Daniel; Capra, Carmem. **Para pensar o horizonte da arte e da educação na contemporaneidade**. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 179-191, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte> (acesso em 21/9/2017).

MESTRI, Mario. **Fazendas, Cercas e Legalidade**. Disponível em: <http://anovademocracia.com.br/no-13/1022-fazendas-cercas-e-legalidade>. (Acesso em 16/5/2016).

PAIVA, Zé. **Natureza Gaúcha**. São Paulo. Metalivros, 2008.

PILLAR, Valerio. **Campos Sulinos** - conservação e uso sustentável da biodiversidade. MMA, Brasília, 2009.

REIGOTA, Marcos. A Educação Ambiental frente aos desafios apresentados pelos discursos contemporâneos sobre a natureza. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, nº2, p. 539-553, maio/ agosto, 2010.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. 4ª edição. Editora Universidade de Brasília. 2008.